

Por entre saberes e vivências na Festa das Tribos

Entre conocimientos y experiencias en la Fiesta de las Tribus

Jarleane do Socorro Barbosa de Melo dos Santos
Universidade do Estado do Pará (UEPA)
Nazaré Cristina Carvalho
Universidade do Estado do Pará (UEPA)
Belém/PA-Brasil

Resumo

O referido estudo fez uma análise qualitativa das vivências compartilhadas por 12 (doze) crianças no coração da Amazônia em uma manifestação cultural identificada por Festival das Tribos Indígenas (Festribal) da cidade de Juruti/PA. Uma festa que entrelaça cultura e saberes, na qual as crianças jurutienses, intérpretes deste estudo, vivenciam práticas educativas no compartilhar desses saberes. O objetivo do estudo foi analisar e compreender os saberes vivenciados, assim como os processos educativos adquiridos e compartilhados pelas crianças-brincantes da festa. Para pormenorizar a descrição do objeto que se estava investigando, utilizamos como método de estudo a etnometodologia, associada a elementos etnográficos. Concluímos que os processos educativos também são evidenciados em espaços culturais e que as crianças-brincantes vivenciam, partilham e perpetuam esses saberes com seus pares por meio da sua representatividade na dança.

Palavras-chave: Crianças-brincantes; Festribal; Saberes.

Resumen

El citado estudio realizó un análisis cualitativo de las experiencias compartidas por 12 (doce) niños en el corazón de la Amazonía en un evento cultural identificado como Festival de las Tribus Indígenas (Festribal) en la ciudad de Juruti/PA. Una fiesta que entrelaza cultura y saberes, en la que niños jurutienses, intérpretes de este estudio, viven prácticas educativas al compartir estos saberes. El objetivo del estudio fue analizar y comprender los conocimientos vividos, así como los procesos educativos adquiridos y compartidos por los niños jugadores en la fiesta. Para detallar la descripción del objeto investigado se utilizó como método de estudio la etnometodología, asociada a elementos etnográficos. Concluimos que los procesos educativos también se evidencian en los espacios culturales y que los niños jugadores experimentan, comparten y perpetúan ese conocimiento con sus compañeros a través de su representación en la danza.

Palabras-clave: Niños jugando; Festribal; Conocimiento.

Introdução

O Brasil é um país de dimensões continentais e culturais, sua diversidade cultural equivale à amplitude de seu território. Considera-se que no Brasil inexistente uma única formação identitária, mas sim vários saberes e identidades que originam inúmeras estruturas culturais. E quando voltamos nosso olhar para o contexto da Amazônia a formação de paridade apresenta seus próprios intrincamentos, tendo em vista que o cotidiano dos povos dessa região e as suas manifestações culturais são profundamente marcados por suas relações com a floresta e a diversidade de saberes existentes nesse lugar.

No contexto amazônica entende-se que as manifestações culturais contribuem para o desenvolvimento social e cultural de cada indivíduo, influenciando a visão que se tem de mundo e de como as pessoas se relacionam com suas heranças culturais, pois ajudam a compreender outras maneiras de viver, de forma coletiva ou individual, possibilitando ao ser humano construir um mundo histórico com significações de valores, produzindo sua identidade cultural.

Com o objetivo de entender o contexto das manifestações culturais, o referido estudo fundamenta-se na pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará/UEPA, realizada no período de 2021-2023. Buscamos com a pesquisa analisar os saberes vivenciados e compartilhados pelas crianças-brincantes em uma manifestação cultural, uma vez que pensar sobre as crianças em espaços culturais, segundo Andrade (2020), é considerá-las como sujeitos participativos, aquelas que produzem culturas e partilham no coletivo suas experiências, pois seu desenvolvimento sociocultural é repleto de significados, por isso seus saberes e sua vivência ressignificam o meio em que vivem.

Na Festa das Tribos esses saberes são constituídos de símbolos, sentidos, significados e relações de afeto. Charlot (2000) assegura que o ser humano ao nascer se depara com uma sociedade constituída e nela ele estabelece vínculos, conexões, compartilha e recebe conhecimento. Nessas relações o sujeito aprende os “saberes” necessários para sua existência e internaliza valores e conceitos por meio da vivência com o outro. Em uma visão cultural o círculo de ensinar e aprender nasce da interdependência humana e se eterniza nas relações e experiências culturais.

É nesse universo cultural e de linguagem simbólica que apresentamos o Festival das Tribos Indígenas (Festribal) como um elemento significativo que alude às práticas sociais

culturais e educativas, saberes compartilhados e vivenciados que se materializam em forma de apresentação nas noites da festa.

Na cultura amazônica o imaginário e o simbolismo são predominantes, pois nela se preserva a memória coletiva de um povo, de uma região, de homens, mulheres e crianças que têm o seu lugar como referência de saberes. Segundo Loureiro (1995), no contexto amazônico se preserva a identidade cabocla como produto de amontoados de experiências sociais e da criatividade de seus habitantes.

Nesse entendimento, nos reportamos à criança jurutiense como ser criativo, portadora de saberes e detentora de um papel importante nas relações sociais e na construção dessa pesquisa. Que possamos percebê-las “a partir de muitos ângulos, que nos fazem aprender a aprender, que nos mostram que a Amazônia é um espaço seu e do outro, um lugar ímpar de culturas singulares” (Andrade, 2019, p. 59), pois as crianças assumiram o papel de protagonistas na pesquisa para que o objetivo da investigação fosse alcançado.

Na Festa das Tribos: locus, origem e características

A cidade de Juruti/PA é um lugar de muitas narrativas e muitos saberes a serem desvelados. A escolha do locus se deu com o objetivo de analisar os saberes vivenciados e compartilhados pelas crianças que dançam na Festa das Tribos e, assim, compreender este fenômeno em sua dimensão social, cultural e educativa.

Juruti é a última cidade do Oeste do Pará pelo rio Amazonas. Passou por várias mudanças ao longo de sua história, inclusive de território, mas foi em dezembro de 1859 que Miguel de Frias e Vasconcelos, presidente da província do Pará, emitiu um relatório feito pelo engenheiro e 1º tenente Joaquim Rodrigues de Moraes Jardim com instruções de como escolher o ponto mais adequado para que pudesse ser feito o assentamento da nova povoação da então freguesia de Nossa Senhora da Saúde.

E assim foi escolhido o lugar à margem direita do rio Amazonas, tendo como justificativa de que essa região teria condições favoráveis e adequadas para assentar a nova povoação. Outro fator interessante, para a escolha do assentamento do vilarejo, era que “estava à disposição a mão-de-obra escrava dos indígenas Munduruku que foram utilizadas para a construção da freguesia, infelizmente, esse fato histórico contribuiu para a extinção dos povos indígenas da região” (Lopes, 2012, p. 141).

Por entre saberes e vivências na Festa das Tribos

Segundo dados do IBGE (2021), Juruti possui uma população de pouco mais de 59 mil habitantes, fica distante da capital Belém aproximadamente 847 km, levando cinco dias de viagem de barco ou balsa pelo rio Amazonas e quatorze horas da cidade de Santarém (a cidade onde as maiores aeronaves pousam por conta da estrutura do aeroporto). Para chegar no município os principais meios de transportes são barcos, lanchas, balsas e aviões de pequeno porte. A cidade tem um porto que é utilizado para o transporte de pessoas e para o escoamento da produção de minério (bauxita).

Quanto à festa, uma característica é que esta não tem caráter religioso, e são poucas as manifestações culturais na Amazônia que não têm natureza religiosa, no caso da Festa das Tribos sua origem e formação começou em um espaço escolar. O Festival das Tribos Indígenas (Festribal) nasceu em 1993, como uma ramificação do “Festival Folclórico de Juruti”, festival que apresentava cordões de pássaros, carimbó, quadrilhas, bumba-meu-boi, a criação do Festribal foi a maneira que os fundadores (a maioria deles professores) encontraram de celebrar as origens do lugar.

Com uma dança com coreografia indígena um grupo folclórico – denominado “Tribo Munduruku” – foi criado para apresentar e fazer reverência às danças, aos costumes e saberes indígenas em uma viagem mítica pelo imaginário da tribo Munduruku que habitava a região. Contudo, como não havia uma categoria no festival “grupo folclórico”, um grupo conhecido como “Vai ou Racha”, que apresentava danças coreografadas, cria a “Tribo Muirapinima” para concorrer com a tribo Munduruku no festival, o objetivo da disputa a princípio era coletar fundos para a construção do piso das salas de aula da “Escola Estadual Deputado Américo Pereira Lima” e como requisito para a obtenção de nota na disciplina Redação e Expressão.

E em 1995 começou a disputa oficial entre os grupos folclóricos. O espetáculo, ao longo do tempo, começou a crescer em uma proporção que já não conseguia comportar as apresentações na escola, sem ter um lugar apropriado para as mesmas, cinco anos após a primeira disputa oficial das “tribos” começa a construção do Centro Cultural, popularmente conhecido como “Tribódromo” (nome dado em alusão à disputa das tribos).

A Festa das Tribos é uma manifestação cultural que agrega grupos, histórias, saberes, vivências, tradições, com isso há uma ampla participação da comunidade local, o evento incentiva a expressão artística e a maioria do material utilizado nas fantasias e alegorias é da região. Os temas apresentados no festival, selecionados pelos “folcloristas das tribos”,

descrevem elementos da natureza sob o olhar de quem vivencia a realidade local, com elementos indígenas, da fauna, flora, e segundo Lima (2020) com:

[...] canções eivadas de simbolismo, que excedem uma simples perspectiva histórica ou religiosa, que fazem alusão a uma região primitiva ou colonial e, ao mesmo tempo, integra toda a comunidade ao inserir valores sociais [e culturais] comuns para a comunidade ribeirinha [...] (Lima, 2020, p. 127, grifo do autor).

Juruti difunde sua cultura e seus saberes através das apresentações das tribos, com seu ritmo próprio, ela conta sua história ancestral nas três noites de apresentação do Festribal que acontece no centro cultural (Tribódromo), um anfiteatro com sua arquitetura em forma de canoa, de três mil metros quadrados, com capacidade para receber de 7 a 10 mil pessoas. Duas tribos se apresentam nas noites de Festribal: Munduruku: cores vermelha e amarela; e Muirapinima: cores vermelha e azul, reunindo aspectos tradicionais dos povos originários da região. As lendas, mitos e a história dos antepassados são recriados e apresentados de forma teatral, com alegorias gigantescas com movimento, trazendo realismo ao espetáculo que acontece em meio a fogos de artifício e muitos efeitos visuais.

Atualmente, o Festribal vem se reinventando, com músicas e enredos mais elaborados, assim como as alegorias, fantasias e danças, que se adaptaram ao aumento do número de brincantes e turistas que chegam para prestigiar os ensaios e as apresentações nas noites do festival. Os dias que antecedem a apresentação das tribos são intensos, são 30 dias de muitos ensaios que rendem noites emblemáticas que levam o espectador a viver com as tribos os “rituais” apresentados. Embora “concorrentes entre si” (Lima, 2020, p. 127), as tribos têm o mesmo objetivo, que é levar alegria e encantamento aos que assistem os ensaios e optam por vestir a camisa nas cores das respectivas tribos.

O ritmo da metodologia...

Para responder as inquietações que surgiram durante o estudo, as abordagens e técnicas foram importantes e nos direcionaram aos objetivos pretendidos, dentre elas está a abordagem qualitativa, considerando que ela se preocupa com o nível de realidade que não pode ser quantificado e trabalha questões inerentes ao “universo dos múltiplos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (Minayo, 2015, p. 21).

Nesse olhar, optou-se pela etnometodologia (Coulon, 1995), com elementos etnográficos, pois esses nos auxiliaram a explicitar as tessituras teóricas e metodológicas desse estudo e pormenorizar a descrição do objeto que se estava investigando. Para dar

dinamismo à coleta de dados e alcançarmos o objetivo do estudo, foram utilizadas técnicas como a observação participante (Gil, 2008, p. 103) que, como frisa o autor, é “a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo”, e assim entender a importância de o pesquisador ter a sensibilidade de perceber e agir diligentemente de acordo com as interpretações do contexto em que a criança está inserida.

A roda de conversa (Moura; Lima, 2014) foi utilizada com o intuito de favorecer um diálogo natural e descontraído com os intérpretes, com temas não propriamente sugeridos por nós, mas com assuntos do entendimento das crianças, essa técnica também nos direcionou para outros procedimentos.

As entrevistas individuais (Gaskell, 2002) trouxeram mais clareza ao que se propôs o estudo, foi o momento que se percebeu as particularidades dos entrevistados, levando sempre em consideração seus valores, suas falas, além de respeitar seu contexto cultural. O diário de campo (Minayo, 1993) proporcionou segurança nos processos da escrita, nele se detalhou as relações entre as vivências da pesquisa e o aporte teórico adquirido durante a investigação.

Os registros fotográficos (Martins, 2008), assim como as filmagens (Loizos, 2008), foram fundamentais nesse caminhar investigativo, pois em todo o processo da pesquisa esses auxiliaram a desvendar a complexa rede de produção de significados e sentidos manifestados em palavras, gestos e expressões corporais, nos levando à compreensão das culturas infantis e a captar a essência de seu cotidiano.

Entendemos, assim, que a escolha do método de uma pesquisa é importante, porque através dele o pesquisador organiza sua investigação para fazer escolhas dos caminhos que serão percorridos durante o estudo. Minayo (2007) afirma que a metodologia se configura como uma forma abrangente e concomitante a uma discussão epistemológica sobre o caminho do pensamento que o tema e o objeto de investigação requerem; a apresentação adequada e justificada dos métodos, técnicas dos instrumentos operativos que devem ser utilizados para as buscas relativas às indagações da investigação.

Nessa perspectiva, procuramos não definir uma única técnica de coleta de dados, mas delimitamos algumas que direcionaram nosso olhar ao mundo da criança e nos auxiliaram no cumprimento dos objetivos do estudo, nos ajudando a definir diálogos com os intérpretes envolvidos na pesquisa.

As crianças-brincantes: procedimentos, primeiros contatos e ética

Andrade (2018, p. 117) afirma que as crianças devem ser compreendidas “a partir do que revelam, ou seja, de suas relações sociais e suas culturas, pois, consideradas sujeitos-atores, há verdades nas suas vozes”, compreender a criança em meio ao seu contexto cultural é dar voz para as suas heranças ancestrais e elevar o entendimento sobre os seus saberes.

Observar a criança em um contexto cultural e destacá-la como intérprete desta investigação se deu por entender que ela “tem seu mundo cultural, e que reconstrói o mundo que a cerca, atribuindo-lhe significado próprio, criando um mundo propriamente humano, que é o mundo da cultura” (Brandão, 2002, p. 40). Esse mundo da cultura a qual pertence “abarca o conjunto de processos sociais de significação, ou melhor, o conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo da significação na vida social” (Canclini, 2013, p. 35). Processos que são adquiridos ao longo de sua vida e sistematizados pela forma de agir e de ser.

Dessa maneira, como intérpretes desta investigação destacamos as crianças-brincantes da Festa das Tribos, pois expressam seus saberes através de suas performances, suas vozes e seus gestos. Zumthor (2010, p. 239) afirma que intérprete é o sujeito “que se percebe na performance, na voz, no gesto, pelo ouvido e pela vista. Podendo ser compositor de tudo ou parte daquilo que ele diz ou canta”. E foi nessa performance de saberes que se objetivou com esta pesquisa valorizar a voz das crianças; a vivência com elas no contexto da festa nos ajudou “a compreender o valor da imaginação, da arte, da dimensão lúdica, da poesia, de pensar adiante” (Kramer, 2011, p. 117).

Nessa continuidade, por considerarmos a criança como ser histórico, social e cultural, aquela que constrói sua relação com o mundo, é que se fez necessário neste estudo buscar dados relevantes do contexto cultural da criança, por isso foi indispensável delinear um perfil sócio-histórico e cultural desses intérpretes. O perfil nos ajudou a obter informações individuais dos pequenos, assim como aspectos da vida dos brincantes que ampliaram nossa visão sobre a realidade de cada participante da pesquisa, elevando nosso conhecimento a respeito de como vivem e como se relacionam com a cultura local.

Para que a análise desses dados fosse consolidada, usamos procedimentos que nos ajudaram a descrever, analisar e interpretar de maneira clara todas as formas de narrativas dos intérpretes. Como instrumento metodológico, usamos a análise de conteúdo que,

segundo Chizzotti (2006, p. 98), tem por objetivo “compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas”. Nesse entendimento, o estudo buscou analisar toda forma de mensagem manifestada na comunicação dos intérpretes, seja essa corporal ou oral.

Contudo, a aproximação com os pais e/ou responsáveis das crianças e dos próprios intérpretes não foi fácil e, por muitas vezes, tivemos que mudar de estratégia para que o contato com os sujeitos pudesse acontecer. Comportamentos compreensíveis, visto que, nos quase trinta anos de festival, nunca houve uma pesquisa científica em que o pesquisador se fizesse presente junto aos brincantes, menos ainda voltada para as crianças e seu contexto na festa. Após vencermos o desafio dos primeiros contatos, os encontros foram acontecendo, as abordagens e técnicas aplicadas e os dados construídos, levando em consideração as individualidades de cada criança.

Para que esses dados tivessem validade, procuramos respeitar a criança e a legalidade da legislação federal a respeito de pesquisas com seres humanos menores de idade, de acordo com a Resolução 466/12, do Ministério da Saúde (Brasil, 2013), e a Resolução 510/16, do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016), pois entendemos que pesquisas com crianças exigem cuidados éticos que assegurem a identidade dos intérpretes em todo o processo da pesquisa.

Desse modo, nos preocupamos em submeter ao Comitê de Ética o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) e o TALE (Termo de Assentimento Livre e Esclarecido), que foram devidamente aprovados pelo CEP (Comitê de Ética em Pesquisa) sob o **Número de Parecer: 5.760.866**. Vale ressaltar que os pais e/ou responsáveis e as crianças optaram por usar seus nomes de nascimento no estudo. Assim, desde o início da pesquisa de campo foi explicado para a criança e para seus responsáveis a importância de preservar suas identidades e de legitimar a voz delas em uma pesquisa científica da qual estavam participando.

A criança no contexto tribal: saberes identificados

Objetivamos neste item discorrer sobre os processos educativos desenvolvidos em espaços não escolares e como os saberes identificados, em meio ao mundo de fantasias e imaginação criado e recriado pelas crianças, são vivenciados e compartilhados por elas no contexto das tribos.

Quando nos propomos a observar e vivenciar os inúmeros saberes encontrados na Festa das Tribos, procuramos olhar o objeto deste estudo por vários ângulos. Buscamos

diferenciar nosso olhar ao contexto estudado e assim nos aproximar das categorias observadas na pesquisa. Para isso, recorreremos ao aporte teórico de Brandão (2007) e Ingold (2020), que nos direcionaram ao entendimento de uma educação em contextos não escolares.

Brandão (2007, p. 22-23) afirma que em todo lugar onde exista saber existe também formas diferenciadas de ensinar, para o autor “tudo que é importante para a comunidade, e existe como algum tipo de saber existe também como algum modo de ensinar”. No espaço das manifestações culturais, citamos a Festa das Tribos, as crianças aprendem, se divertem dançando e interagindo com seus pares, pois esses espaços propiciam o trânsito de inúmeros saberes, onde o aprender e o ensinar podem ser evidenciados no compartilhar e na vivência dos pequenos com seus pares e a comunidade tribal. Nesse entendimento, nos apropriamos das palavras de Ingold (2020, p. 18) quando afirma que “onde e quando a vida estiver acontecendo, assim também está a educação”.

Geertz (2008, p. 45) nos levou à compreensão, nesse contexto das manifestações, sobre a cultura e seu emaranhado de significados, tendo em vista que, segundo o autor, a “cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir sua particularidade”. Quando nos voltamos às manifestações culturais, como na Festa das Tribos, encontramos nesse espetáculo um emaranhado de particularidades que foram construídas em grupo, sem perder o reconhecimento coletivo dos padrões de comportamento e costumes da cultura local.

Para Geertz (2008), a cultura resulta em um panorama de aprendizagem no qual o homem é sujeito ao aprender, pois existe uma relação do homem como ser/sujeito social dentro de uma sociedade da qual faz parte. Entendemos, assim, que todas as características humanas ultrapassam a dimensão social da vida e que suas manifestações sociais, como seus rituais, costumes, narrativas, são traços de sua identidade e definem seu tempo, sua história e seu espaço de convivência. Nesse entendimento, consideramos a Festa das Tribos um espaço social, onde acontece partilhas, vivências e circulação de saberes, um espaço que dá sentido às relações sociais vivenciadas pelas crianças em meio a uma diversidade educacional.

Também nos apropriamos do entendimento de Charlot (2000) para compreendermos sobre o “saber” e como ele é compartilhado. O autor afirma que todo ser humano é pertencente a um grupo e que a relação que temos com o saber é fruto dos múltiplos aspectos interpretados e vivenciados no espaço social desse grupo. Quando nos

direcionamos para a Festa das Tribos, observamos que a necessidade de aprender com formas variadas está intrínseca no cotidiano das crianças-brincantes. Nas assertivas de Charlot (2000), sobre o saber, notamos que os saberes lúdicos nesse contexto são inerentes às vivências das crianças e essas se estabelecem na convivência com o outro e com seu meio.

Ao recorrermos às ideias de Brandão, Ingold, Geertz e Charlot, sobre educação, cultura e saberes como elementos importantes de vivência, partilha e fortalecimento das relações em diferentes espaços sociais, chegamos à compreensão de que o ser humano, ao se relacionar com seus pares e com o contexto em que vive, produz cultura e, por conseguinte, educação, reflexões que nos possibilitaram ampliar nosso olhar aos muitos aspectos presentes nas infâncias amazônidas.

As crianças amazônidas, citamos as crianças jurutienses, imersas no espaço tribal vivenciam sua cultura e aspectos do imaginário que as envolvem e motivam a participarem da festa, pois nesse contexto possuem vivências que lhes são próprias, que devem ser entendidas e valorizadas.

Pitta (2017, p. 40) afirma que imaginar é “criar o mundo, é criar o universo, seja por meio das artes, das ciências, ou por meio dos pequenos atos, profundamente significativos, do cotidiano”. Quando olhamos para o contexto das tribos, analisamos que as crianças-brincantes do Festibal vivem o imaginário por meio dos gestos de representar enquanto dançam, muitas não entendem o significado dos gestos, mas compreendem que o representar delas na festa faz parte da cultura local.

Nesse contexto, observamos que as crianças-brincantes compartilham saberes adquiridos no espaço da festa e trocam conhecimentos que se encaminham para processos educativos. Nessa conjuntura de educação, em contexto não escolar, analisamos os processos educativos e saberes que nos levaram ao entendimento de que nesse espaço se educa e se partilha muitos aprendizados.

No espaço das tribos observamos e identificamos alguns dos muitos saberes apresentados e protagonizados pelos intérpretes desta investigação. Citamos:

1. Da Ludicidade:

Para Luckesi (2000, p. 52), a ludicidade é um fazer humano mais amplo e esse se relaciona não apenas à presença das brincadeiras, mas também se refere “a um prazer de celebração em função do envolvimento sincero, verdadeiro com a atividade que está sendo desenvolvida, a sensação de plenitude que acompanha as coisas significativas e verdadeiras”.

Na Festa das Tribos as crianças expressam de forma lúdica e dançante a resistência, incorporada a elementos característicos da Amazônia, para não deixar morrer o legado e a história dos povos originários, o lúdico faz parte do contexto das tribos. No Festribal as crianças vivenciam esse saber em diferentes momentos da festa. Quando nos reportamos às crianças na roda de conversa, indagamos o que elas mais gostavam no Festribal, as 12 (doze) crianças foram unânimes em dizer que a dança faz parte da vivência delas:

Gosto de me expor, de dançar, a dança faz parte de mim [...]. (Joyce, 11 anos)

Gosto de dançar, de cantar as músicas [...]. (Wesley, 8 anos)

O Festribal significa para mim muita coisa, eu tenho um carinho grande, amo todas as danças, as coreografias elaboradas, de cantar, gosto muito da arte, mas o que mais gosto é de dançar [...]. (Ana Bella, 11 anos)

Na fala dos pequenos brincantes notamos que a dança está presente em todo o contexto da festa, elas incorporam e ressignificam o ato de dançar. Essa espetacularidade da criança está associada ao lúdico que compõe sua natureza. A ludicidade é uma forma prazerosa de aprender, considerada um meio de comunicação e, por isso, estimula a criatividade, a expressão e a espontaneidade, além de trabalhar a imaginação e auxiliar na aprendizagem.

Vygotsky (1984) diz que é brincando (dançando) que a criança expressa seu estado cognitivo, visual, tátil, motor, seu modo de aprender entra em relação com o mundo e com as pessoas do seu convívio, a criança reconhece seu corpo e do outro e a dança traz a expressão natural de cada indivíduo.

Nessa continuidade, Luckesi (2002) afirma que a ludicidade é identificada no interior do indivíduo, a vivência da criança com o lúdico influencia significativamente seu desenvolvimento. Por conseguinte, o aprender e o compartilhar do que foi aprendido tornam-se cada vez mais importantes entre trocas no universo infantil.

2. Do Compartilhar:

Aires Neto (2016, p. 129) conceitua o compartilhar para a criança como um mundo intersubjetivo, ou seja, onde a criança sabe “intuitivamente que sua intencionalidade de aprender ou ensinar é semelhante à intencionalidade da outra criança e, neste momento de vivência, é que se concretiza a intersubjetividade de ambas”. O autor define a intersubjetividade como uma condição da vida social do indivíduo na qual se permite a partilha de sentidos, experiências e conhecimentos entre sujeitos, nesse olhar, nos

remetemos ao contexto das tribos, o qual nos mostrou que as vivências e os saberes são compartilhados intuitivamente.

No espaço das tribos se ensina e se aprende dentro de um processo educativo de troca de conhecimento. A troca e o compartilhamento de saberes no contexto tribal se dão de maneira espontânea pelas crianças, isso acontece na interação delas com seus pares, com seu grupo, essas chegam com seus saberes e, nessa troca com o outro, aprimoram o que já possuem.

O saber compartilhado está nos gestos e na maneira como interagem, isso é identificado nas falas dos intérpretes:

Gosto de ensaiar com meus colegas, acho assim um incentivo, porque se não tivesse meus colegas acho que não seria aquela coisa emocionante, mais legal, eu me sinto muito feliz e acolhida dançando com meus colegas, gosto de aprender com eles [...]. (Brenda, 11 anos)

Eu gosto de ensaiar com meus amigos, é uma troca, sabe, agora com a pandemia fiquei quase dois anos sem ver eles, aí quando começou os ensaios eu tive oportunidade de conhecer outras pessoas e rever minhas amigas [...]. (Evelyn, 11 anos)

Gosto dos ensaios e de me socializar com meus colegas, eu já aprendi muito com eles, tem passos que às vezes eu não consigo fazer e eles me ajudam, mas eu ensino também [...]. (Cristielem, 12 anos)

No espaço das manifestações culturais não existe uma forma separada de quem ensina ou de quem aprende, segundo Freire (2001, p. 35) quem “ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. A criança é um ser social, singular e cultural, ela aprende e se humaniza na convivência com o outro e com os saberes compartilhados nessa interação.

3. Da Afetividade:

O saber da afetividade identificado na Festa das Tribos está associado à relação de afeto que as crianças nutrem por todo o contexto da festa, o qual nos fez refletir sobre os laços de amizade e respeito desenvolvidos nesse espaço. Observamos que as relações e os laços criados pelo afeto não são baseados somente em sentimentos, mas esses também são demonstrados em atitudes. Notamos, nas falas dos pequenos, a relação de afeto que demonstram ao contexto da festa:

Participo do Festribal porque primeiramente eu amo minha tribo e depois porque gosto muito, é uma cultura que eu gosto do fundo do meu coração e eu não pretendo abandonar [...]. (Joyce, 11 anos)

O Festribal pra mim é uma comemoração das tribos, a tribo que amo muito [...]. (Ana Carine, 8 anos)

O Festribal significa pra mim uma cultura e muito afeto, porque todos que estão aqui amam a tribo [...]. (Cristielem, 12 anos)

Entendemos que a afetividade é importante para que o processo educativo ocorra, porque o afeto é considerado a energia essencial para que o cognitivo possa operar, para isso ele precisa ser trabalhado dentro e fora do espaço escolar. Analisamos que a afetividade e a educação coexistem nesse espaço e colaboram com o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem encontrado fora do contexto escolar.

Ao vivenciarmos esse saber no espaço das crianças-brincantes, refletimos que o afeto promove o sentimento de pertencimento e interpretação dos saberes adquiridos e desenvolvidos entre pessoas diferentes. É aprender com o outro e apropriar-se do mundo que nos cerca. Charlot (2000, p. 53) afirma que aprender é “entrar em um conjunto de relações e processos que constituem um sistema de sentido, onde se diz quem eu sou, quem é o mundo, quem são os outros”.

Entende-se que nesse espaço a afetividade está ligada a emoções, e as crianças-brincantes do Festribal transmitem seu afeto através de seus gestos, de seus sentimentos, elas conseguem expressar suas emoções de forma prazerosa através de sua dança.

4. Da Espetacularidade:

A espetacularidade do corpo foi outro saber identificado no contexto tribal. Segundo Andrade e Santa Brígida (2022, p. 180), a espetacularidade é própria de cada sujeito e ela só tem sentido quando “relacionada ao conjunto de dados da simbologia própria do grupo social no qual está inserida”.

Na Festa da Tribos o simbolismo é apresentado em forma de arte, onde o corpo se movimenta de maneira espetacular e reverbera a história ancestral desses grupos tribais através da dança. As crianças-brincantes do Festribal se destacam realizando coreografias emblemáticas que chamam a atenção dos espectadores pelo modo espetacular de como se apresentam. Andrade e Santa Brígida (2022, p. 176) afirmam que o corpo das crianças-brincantes “é um corpo lúdico, que atrai gritos, palmas e muitos olhares”, o contexto do espetáculo altera e afeta não somente o corpo da criança-brincante, mas de todos aqueles que se envolvem com o Festribal.

As crianças, mesmo sem compreender seu corpo em uma perspectiva mais complexa, de maneira intersubjetiva transmitem saberes no diálogo corporal, constroem formas

autônomas e próprias de significação na rotina com seus pares, em que a dança é a sua melhor forma de vivenciar a espetacularidade.

As narrativas a seguir mostram como a dança é importante para as crianças e como elas vivem esse momento de maneira prazerosa:

Gosto quando as pessoas ficam olhando eu dançar, vou dançar sempre aqui, porque eu gosto de dançar [...]. (Ana Carine, 8 anos)

Eu queria dançar como a índia guerreira. Vou continuar dançando porque é muito legal, gosto de dançar [...]. (Hilary, 13 anos)

O que eu mais gosto no Festibal é a dança, é divertido, amo dançar [...]. (Joyce, 11 anos)

A espetacularidade para a criança está relacionada ao movimento corporal. Como pondera Aires Neto (2016, p. 114), o corpo passa a ser um “instrumento de aprendizagem e comunicação”, de aprendizagem quando a criança desenvolve e adquire habilidades corporais no contato e no diálogo com seus pares, de comunicação porque o corpo se comunica, se expressa de maneira lúdica e espetacular. Ela implica na inclusão de um corpo em um mundo de muitos significados, onde o corpo-sujeito dialoga com seu corpo, com os outros e com o contexto ali experienciado.

No Festibal as características ancestrais são ressignificadas através da dança, nas apresentações das tribos os adereços, as indumentárias e as alegorias caracterizam os costumes, crenças e lendas do imaginário amazônico relacionado à herança dos povos originários. É um saber que evidencia que os saberes desses povos, representados na dança, são importantes para a perpetuação da ancestralidade que acompanha seus descendentes.

5. Da Ancestralidade:

O saber da ancestralidade indígena, identificado nesse contexto, está associado aos costumes, crenças, tradições, na vivência individual e grupal, assim como na ressignificação histórica e cultural dos povos ancestrais. Nossa identificação com esse saber se deu nas conversas com os pequenos intérpretes, em suas falas observamos a ideia que eles têm sobre representarem esse saber através da dança:

Esse evento das tribos resgata a origem dos nossos antepassados [...]. (Evelyn, 11 anos)

O Festibal é uma cultura nossa, dos nossos ancestrais, os índios que moravam aqui são nossa cultura, fico feliz de representar eles [...]. (Ana Bella, 11 anos)

Eu entendo que o Festibal é importante, porque fala da cultura daqui, conta a história dos antigos que moravam, dos índios e pra mim é importante representar isso por meio da dança, eu fico orgulhosa [...]. (Cristielem, 12 anos)

Ao observarmos as crianças nos ensaios, notamos que os itens da festa (tuxaua, pajé, índia guerreira, porta estandarte), por meio de suas coreografias e gestos corporais e faciais, relembavam os rituais dos povos ancestrais. Machado (2014) diz que a ancestralidade é a lógica que organiza nossos pensamentos e nos permite refletir e (re) criar e vivenciar nossos conceitos e práticas. Para a autora, “aprender a sabedoria dos antigos é atualizar, continuamente, o conhecimento” (Machado, 2014, p. 58). A pertença das crianças a esse contexto das tribos é entrelaçada à tradição cultural e aos saberes adquiridos, desenvolvidos e compartilhados nesse espaço.

Nessa continuidade, apresentamos de maneira sistematizada no quadro abaixo os saberes identificados, vivenciados e compartilhados, bem como o tipo de educação, relatados em linhas gerais neste estudo.

Quadro 1 – Sistematização dos saberes identificados no Festival das Tribos Indígenas de Juruti/PA

Saberes Identificados	Como o Saber é compartilhado	Processos e Práticas Educativas	Tipo de Educação que o Saber está associado
DA LUDICIDADE	- Oralidade; - Observação; - Treinamento; - Repetição.	- Dança (pela repetição dos passos); - Brincadeira; - Coreografias.	Educação pela <i>Ludicidade</i> , pela dança
DO COMPARTILHAR	- Oralidade; - Convivência; - Ouvir/escutar.	- Ensinar e aprender com o outro; - Respeitar o espaço de convivência; - Saber ouvir a opinião do outro.	Educação pelo <i>Compartilhar</i> , ensinar e aprender
DA AFETIVIDADE	- Oralidade; - Gestos; - Respeito.	- Sentimento de afeto demonstrado pela comunidade tribal; - Respeito pela cultura local; - Pertencimento ao contexto da festa.	Educação pela <i>Afetividade</i> com o contexto que está inserido
DA ESPETACULARIDADE	- Observação; - Orientação coletiva; - Treino.	- Expressões corporais; - Coreografias; - Indumentárias.	Educação pela <i>Espetacularidade</i> , o corpo espetacular
DA ANCESTRALIDADE	- Respeito; - Orientação; - Oralidade.	- Respeitar os saberes dos mais velhos; - Preservar a história cultural dos primeiros habitantes da região.	Educação pela <i>Ancestralidade</i> indígena

Fonte: Elaboração das autoras/2023.

No quadro sistematizamos os saberes observados no espaço das tribos, as práticas educativas vivenciadas nesse contexto, assim como o tipo de educação que o saber identificado está associado. Os saberes protagonizados pelas crianças-brincantes do Festribal na sua cotidianidade compreendem práticas educativas entrelaçadas nas suas relações sociais e culturais, que implicam em formas diversas de aprendizado.

Sobre a festa: considerações finais

Consideramos no percurso do referido estudo a importância de se conhecer as crianças e seus saberes no espaço do Festribal, percebê-las em seu cotidiano e em seu contexto cultural nos levou à compreensão de que nesse espaço as crianças apresentam seus saberes, manifestam suas vozes, suas crenças, suas concepções do mundo e de si, elas produzem e reproduzem narrativas que são refletidas em suas múltiplas linguagens as quais contribuem para a cultura e constroem novos saberes, afirmando-as, assim, enquanto protagonistas no contexto cultural pleno de significados.

Na Festa das Tribos identificamos que o processo de construção, transmissão e comunicação de saberes está presente nos espaços das manifestações culturais, lugar onde acontece trocas de experiências, ensinamentos, aprendizados que nos direcionam a práticas educativas. A educação, que é o eixo deste estudo, foi entendida em uma diversidade de saberes existentes no espaço da festa, ela acontece em contextos não escolares e em diferentes grupos sociais; a escola é um importante espaço de educação, mas não é o único.

Nesse contexto, compreendemos que as crianças-brincantes da Festa das Tribos vivem suas infâncias atravessadas por saberes, costumes, histórias, tradições e cultura, saberes apresentados por meio da ludicidade, na convivência afetiva com seus pares, culminando na espetacularidade dos corpos que ressignificam seu lugar de pertencimento ligado à sua ancestralidade, saberes evidenciados e identificados no cotidiano das crianças-brincantes do Festribal.

Assim, a festa segue com seu encantamento e sua magia, abrindo possibilidades para vislumbrar outras epistemologias, novos estudos no contexto tribal e novos olhares para a criança e seus saberes em manifestações culturais. Que as crianças-brincantes do Festribal sejam vistas como protagonistas de suas histórias e produtoras de sua própria cultura.

Referências

AIRES NETO, Francisco. **Carnaval das Crias do Curro Velho: espaço educativo de produção de saberes**. 150 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Pará, Belém, 2016.

ANDRADE, Simei Santos. **A infância da Amazônia Marajoara: Práticas culturais no cotidiano das crianças ribeirinhas**. Curitiba: CRV, 2019.

ANDRADE, Simei Santos. **A infância da Amazônia Marajoara: sentidos e significados das práticas culturais no cotidiano das crianças ribeirinhas da Vila do Piriá – Currálinho/PA**. 547 p. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

ANDRADE, Simei Santos. **Carnaval e infância: a espetacularidade da criança-brincante da Associação Carnavalesca Bole-Bole em Belém/PA**. 68 p. Relatório técnico de pesquisa (Pós-Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Artes, Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2020.

ANDRADE, Simei Santos; SANTA BRÍGIDA, Miguel. ETNOCENOLOGIA E INFÂNCIA: a espetacularidade da criança-brincante na cena carnavalesca em Belém do Pará. In: ANDRADE, Simei Santos; SANTOS, Raquel Amorim dos (org.) **Infâncias e Culturas Populares da Amazônia**. Curitiba: CRV, 2022.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Educação como Cultura**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução CNS n. 510/16 - Resolução que dispõe sobre normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. **Diário Oficial da União**, Brasília, 24 maio 2016, seção 1, p. 44-46.

BRASIL. Ministério da Saúde. Resolução CNS n. 466/12 - Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da União**, Brasília, 13 jun. 2013, seção 1, p. 59.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas**. Tradução de Heloisa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. São Paulo: EDUSP, 2013. Ensaio Latino-americanos 1.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

COULON, Alan. **Etnometodologia**. Tradução de Efraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora S.A., 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2021**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 08 maio 2022.

INGOLD, Tim. **Antropologia e/como educação**. Tradução de Vitor Emanuel Santos Lima e Leonardo Tangel dos Reis. Petrópolis: Vozes, 2020.

KRAMER, Sonia. Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie. In: BAZÍLIO, Luiz Cavalieri; KRAMER, Sonia. **Infância, educação e direitos humanos**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LIMA, Nair Santos. A Festa das Tribos: perspectivas comunicativas em um cenário de resistência. **RIF**, Ponta Grossa, v. 18, n. 41, p. 110-134, julho/dezembro 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/6317/631766106009/html/>. Acesso em: 15 out. 2021.

LOIZOS, Peter. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2008.

LOPES, Luís Otávio do Canto. **Conflito Socioambiental e (Re)Organização Territorial: Mineradora ALCOA e Comunidades Ribeirinhas do Projeto Agroextrativista Juruti Velho, Município de Juruti-Pará-Amazônia-Brasil**. 270 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: Cejup, 1995.

LUCKESI, Cipriano. Estados de consciência e atividades lúdicas. In: PORTO, Bernadete. **Educação e ludicidade**. Ensaios 3. Salvador: UFBA, 2002. p. 11-20.

LUCKESI, Cipriano. “Ludopedagogia: partilhando uma experiência e uma proposta”. In: LUCKESI, Cipriano. **Ludopedagogia Ensaios**. Educação. Educação e Ludicidade. Salvador: FAGED/UFBA, 2000.

MACHADO, Adilbênia Freire. Filosofia Africana para Descolonizar Olhares: Perspectivas para o Ensino das Relações Étnico-raciais. #Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia, Canoas, v. 3, n. 1, 2014.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 2. ed. São Paulo: HUCITEC; Rio de Janeiro: ABRASCO, 1993.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2015.

MOURA, Adriana Ferro; LIMA, Maria Glória. A Reinvenção da Roda: Roda de Conversa: um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 23, n. 1, p. 98-106, jan.-jun. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/18338/11399>. Acesso em: 11 abr. 2022.

PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à Teoria do Imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2017.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à Poesia Oral**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lucia Diniz Porchat e Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Nota

¹ Pesquisadores dos enredos

Sobre as Autoras

Jarleane do Socorro Barbosa de Melo dos Santos

Mestra em Educação (UEPA); Especialista em Gestão Pública (Unama); Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional (Estácio); Graduada em Pedagogia (Unama); participa de grupos de pesquisas como: CUMA (Culturas e Memórias Amazônicas da Universidade do Estado do Pará) e NUPEIA (Infâncias Amazônicas: Arte, Cultura e Educação de Crianças em Diferentes Contextos da Universidade Federal do Pará).

E-mail: jarleanemsantos@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000.0002-1632-7943>

Nazaré Cristina Carvalho

Doutorado em Educação Física e Cultura (UGF), Estágio Pós-Doutoral (PUC/RJ), Mestrado em Educação (UNIMEP/SP), Professora adjunta da Universidade do Estado do Pará, Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação PPGED/UEPA; vice-líder do Grupo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas.

E-mail: n_cris@uol.com.br ORCID: <http://orcid.org/0000.0001-8417-3504>

Recebido em: 07/07/2024

Aceito para publicação em: 02/08/2024